



A VALORIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL



Entrevistada: Sandra de Deus

Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras

A Profa. Dra. Sandra de Fatima Batista de Deus, que aqui nos concede esta entrevista, possui graduação em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (1980), Especialização em Pensamento Político Brasileiro (UFSM, 1990), Mestrado em Extensão Rural (UFSM, 1989), e Doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2005). É professora Associada da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenadora do Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo (UFRGS). É Pró-Reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS desde 2008, e foi Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras entre 2012 e 2014. Nesta entrevista, ela traça algumas considerações relevantes sobre o momento da Extensão Universitária no Brasil, destacando o que ela mudou nestas últimas décadas.

Revista Brasileira de Extensão Universitária (RBEU): como foi seu primeiro contato/ envolvimento com a Extensão?

Sandra de Deus (SD): iniciei na Extensão ainda como estudante de jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. O caminho da extensão era - e continua sendo - muito importante para estudantes provenientes de camadas populares. Como filha de trabalhador do campo, negra, estudante de jornalismo, em uma época que ainda não era uma profissão para mulheres, a extensão foi o meu lugar na Universidade. Desde lá, se vão 40 anos, nunca mais sai da extensão. A professora que sou, a militante que me tornei e a gestora que aprendi a ser resultam diretamente da minha vida de extensionista. Digo mais: a pessoa que sou devo ao aprendizado da extensão! Fui aluna bolsista, coordenadora de atividades e atualmente Pró-Reitora de Extensão já na terceira gestão. Não consigo ver a Universidade por outro ângulo que não seja o da extensão.

(RBEU): Quais as principais mudanças na Extensão Brasileira nos últimos anos?

(SD): Uma mudança que não é tão visível, pois ela foi acontecendo aos poucos, está relacionada à institucionalização, ou seja, ter em cada universidade uma estrutura destinada a tratar da extensão. Não uma estrutura qualquer, mas uma Pró-Reitoria Acadêmica. Para quem já encontrou a extensão institucionalizada nas universidades não faz ideia do quanto esta é uma mudança importante e necessária. Nenhuma outra mudança, conquista ou trajetória poderia ser pensada se não tivéssemos chegado a esta estrutura que temos agora. A outra mudança é a publicação de uma Política Nacional de Extensão Universitária¹, o que levou as universidades a elaborarem as suas próprias políticas de extensão. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, desde a sua criação, vem elaborando documentos com o objetivo de preparar politicamente o "fazer" da extensão e, ao conceber, depois de muito debate, uma política de extensão, permitiu que cada universidade definisse os seus caminhos. Faça parte de uma Universidade que tem política de extensão reconhecida, o que inclusive demanda que outros setores acadêmicos da universidade também elaborem as suas políticas.

(RBEU): A Extensão tem crescido em reconhecimento no espaço acadêmico?

(SD): Muito! Vou considerar quatro aspectos que comprovam o quanto a extensão está valorizada no espaço acadêmico: a) a implantação em muitas universidades de programas de fomento com recursos próprios para financiar ações de extensão. Muitas vezes são valores pequenos, mas demonstra o quanto a gestão da Universidade está interessada em que as atividades funcionem com o mínimo de condições. Assim, não ficam dependendo somente de recursos conquistados via editais; b) a validação das atividades de extensão para a progressão na carreira docente. É importante lembrar que, ao não considerar a atividade de extensão nas progressões dentro da carreira, afastamos o docente - que precisa progredir - de uma importante tarefa acadêmica. Não pontuar a extensão na progressão docente é um atraso institucional e total falta de compreensão da indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa; c) a exigência de apresentação de projetos de extensão nos concursos para docentes. Este é um ponto ainda em disputa, porque em muitas instituições a extensão é ignorada no processo seletivo, sob o triste e pobre argumento de que é muito difícil para uma banca avaliar a qualidade de um projeto de extensão; d) a possibilidade de registro dos projetos de extensão no Lattes, o que permite não mais colocar a extensão como "outros".

“...a publicação de uma Política Nacional de Extensão Universitária levou as universidades a elaborarem as suas próprias políticas de extensão. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, desde a sua criação, vem elaborando documentos com o objetivo de preparar politicamente o "fazer" da extensão...”

(RBEU): Em termos de América Latina a extensão tem a mesma dimensão e importância em outros países?

(SD): Eu diria que em alguns países da América Latina, particularmente, no âmbito da Associação das Universidades do Grupo Montevideu, a extensão universitária tem mais importância do que nas universidades brasileiras. Tem um caráter mais político e vinculado com as comunidades. Evidente que falamos de países menores geograficamente, com um número de universidades que necessitam estar muito ligadas com o seu entorno para sobreviver. Inicialmente, é importante ter clareza da estrutura de ensino superior existente em cada país. A questão que envolve o público e o privado, com ensino superior pago, universidades mantidas parcialmente pelo estado ou não, faz uma diferença enorme sobre o olhar que devemos ter da extensão universitária. Também há uma compreensão de conceito do que realmente é extensão, o que é intervenção e o que é assistência. Tudo precisa ser considerado quando se deseja fazer comparação ou apontar diferenças. Então, penso que, no caso brasileiro, precisamos ainda caminhar muito para desburocratizar esta relação universidade/sociedade. Precisamos nos despir de alguns preconceitos que estão amarrando a universidade. Isto não é fácil! É preciso inicialmente entender de que tipo de estruturas estamos falando. De grandes e pequenas instituições, umas antigas e outras muito jovens, um sistema em que o ensino superior se divide entre privado e público - sendo este subdividido entre estados e federação - com diferentes graus de financiamento. Talvez, quando se conseguir inserir em todas as universidades os créditos de extensão, como um componente do currículo, tenhamos crescido e inovado na formação. Então, estamos tratando de uma complexidade que vai além das diferenças e comparações, mas que precisa ser tratada na sua essência a partir das inspirações da Reforma de Córdoba e dos ensinamentos de Paulo Freire e Darcy Ribeiro – que, no caso da extensão, são mais apreciados entre nossos vizinhos do que por nós brasileiros.

(RBEU): Quais são os temas mais desafiadores da extensão universitária brasileira no momento?

(SD): O maior desafio é abrir os fechados currículos dos cursos de graduação para inserir atividades de extensão como componente da grade curricular. É um enorme desafio fazer com que os docentes e as estruturas universitárias entendam a importância

desta mudança. Implica em ter outro olhar sobre a formação universitária! Implica em repensar a Universidade, e quem está disposto a fazer isto???

(SD): E o financiamento da Extensão no Brasil? Tem sido adequado para que esta cumpra seu papel? E o que dizer do PROEXT²?

R:O financiamento da Extensão tem sido a grande batalha dos pró-reitores de extensão. A necessidade de lutar pelo financiamento adequado nos rouba tempo de pensar politicamente a atividade extensionista. Não temos um financiamento adequado por parte das próprias universidades, praticamente inexistente por parte de agências de Financiadoras e atualmente desconhecido pelo governo federal. Sobre o PROEXT, especificamente, é preciso considerar o quanto este foi importante para a evolução das universidades. Não apenas da Extensão! A prática da extensão nas universidades brasileiras pode ser dividida em antes e depois do PROEXT, uma vez que os recursos disputados e liberados para os programas e projetos vencedores, alavanca atividades de grande importância para as comunidades envolvidas. Neste momento, só posso lamentar que não tenha sido priorizado pelo MEC um programa tão importante. Reconheço a crise econômica, mas é neste momento que se define o que é e o que não é prioridade.

“O maior desafio é abrir os fechados currículos dos cursos de graduação para inserir atividades de extensão como componente da grade curricular.”

Esta entrevista foi concedida *via* internet para o editor Geraldo Ceni Coelho (cenicoelho@gmail.com), professor na *Universidade Federal da Fronteira Sul*, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

Notas:

1 O documento da Política Nacional de Extensão pode ser obtido em < <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> >

2 O Programa de Extensão Universitária (ProExt) foi criado em 2003; é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), que tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas.

Como citar esta entrevista:

DEUS, S. F. B. A valorização da Extensão universitária no Brasil. Entrevista concedida a Geraldo Ceni Coelho. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 2, p. 121-124, 2017. Available at: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/interview/view/6811/pdf>>